

Preço 1\$500

PRISÃO DE OLIVEIROS e seus companheiros

HISTORIA COMPLETA

A venda na Casa Editora *GUAJARINA* de Francisco Lopes
Padre Eutychio, 145-147—Phone, 1241—Belém—Pará



A prisão de Oliveiros e seus companheiros

Quem leu a batalha horrenda
de Oliveiros e Ferrabraz
não deve ignorar mais
o que é uma contenda,
vê numa lucta tremenda
como se ganha a victoria,
póde guardar em memoria
o combate mais horrivel;
parece até impossivel
o passado desta historia.

Ferrabraz era um gigante
de corpo descommunal
como nunca teve igual
nos reinos do almirante,
elle só era bastante
para cinco mil guerreiros,
oito, dez mil cavalleiros
morreram pelas mãos d'elle
e só tirou sangue nelle
a espada de Oliveiros.

Oliveiros, aquelle braço
não se cruzava em perigo
e nunca achou inimigo
que lhe fizesse embaraço,
aquelle pulso de aço,
mão que sempre foi temida,
para as guerras escolhida
e por Deus abençoada,
nunca desceu a espada
que não tirasse uma vida.

Ferrabraz como um leão
affrontava a propria morte,
era a columna mais forte
do almirante Balão;
tinha nobre coração
e era civilisado,
nas armas disciplinado,
tinha força e energia,
em toda parte que ia
mostrava ser illustrado.

Como tambem Oliveiros
no valor e na acção
Guy de Borgonha, Roldão
e os mais seus companheiros,
desses doze cavalleiros
um só não torcia o braço,
um delles não dava um passo
que não achasse o perigo,
espadas do inimigo
para elles não tinham aço.

Oliveiros e Ferrabraz
que aspiravam um despeito
pegaram-se de peito a peito
como dois leões voraes,
ali ninguem chegou mais,
foram os dois lutar sós,
ninguem ouvia uma voz,
fogo das armas sahia
e dos dois ninguem sabia
qual seria o mais feroz.

Leiam com toda attenção
a vida de Ferrabraz,
vejam como são iguaes
elle, Oliveiros e Roldão,
o almirante Balão
tinha nelle tal fiança,
dizia que toda a França
tornar-se-ia impotente
porque Ferrabraz sómente
servia de segurança.

Carlos Magno tambem
tinha doze cavalleiros
e outros iguaes guerreiros
o mundo hoje não tem,
nunca temeram a alguem
segundo diz a historia,
tinham nas espadas a gloria,
nunca torceram perigo,
nunca foram ao inimigo
que não contassem victoria.

No dia que Oliveiros
deixou Ferrabraz vencido
foi de novo acommettido
por dez mil turcos guerreiros,
elle e quatro cavalleiros
que chegaram em seguida
a força turca prevenida
prendeu todos cavalleiros,
porém só por Oliveiros
ficaram trez mil sem vida.

Não poderam resistir
os cavalleiros de França
sem cavallo, espada e lança,
sem ter com que se cobrir,
veio a noite os confundir
com a negra escuridão,
perderam de tudo a acção,
foram presos os cavalleiros,
levados prisioneiros
ao almirante Balão.

Assim mesmo si Oliveiros
não tivesse desmontado,
além disso desarmado
elle e todos companheiros,
si dois ou tres cavalleiros
os tivesse soccorrido,
com boas armas os munido
o combate iria avante
e o povo do almirante
não os teria prendido.

Porem a lucta era horrenda,
os cavalleiros eram poucos
e os turcos como uns loucos
davam batalha tremenda,
naquella infeliz contenda
Oliveiros tropeçou
num cadaver que encontrou,
quando dez turcos chegaram
suas mãos p'ra trazamarraram
e elle sem acção ficou.

Os turcos, esfomeados
pelo sangue de Oliveiros,
vendo os cinco cavalleiros
em seu poder escoltados,
seriam recompensados
por aquella heroica acção,
julgavam paga a prisão
do heroe rei dos guerreiros,
o maior dos cavalleiros
do almirante Balão.

E seguiram os cavalleiros
cruelmente maltratados,
levando os olhos tapados
o grande e nobre Oliveiros,
os outros prisioneiros
com mãos atadas atraz,
correndo a tudo e a mais
ao almirante Balão
para vingar a prisão
de seu filho Ferrabraz.

E aquella multidão
levando os prisioneiros
entregou os cavalleiros
ao almirante Balão,
elle lá como um leão
em desesperos fataes
igualmente a satanaz
no dia em que o céu perdeu,
disse: Desses quem venceu
o meu filho Ferrabraz ?

Disse um dos exaltados,
examinando primeiro:
—E' aquelle cavalleiro
que traz os olhos vendados ?
Estes cinco celerados
e custoso de os vencer
é escusado dizer
da fórmula que elles luctaram,
pois dez mil vidas custaram
para poder-se prender.

O rei fez uma mudança
e perguntou a Oliveiros
si elles eram cavalleiros
dos doze pares de França.
Oliveiros, sem tardança,
disse: Nós somos soldados
muito pouco exercitados,
somos todos de Lorenda,
para a primeira contenda
agora fomos chamados.

Ordenou o almirante
que para o campo os levassem
e todos cinco matassem
por um meio agonisante,
ali lhe disse Burlante :
—Meus planos não são capaz,
creio que vós lucravas mais
mandar por dois mensageiros
trocar estes cavalleiros
por teu filho Ferrabraz.

O almirante Balão
achou bom o parecer,
deu ordem a recolher
os cavalleiros á prisão
num carcere de escuridão,
onde matavam os tyrannos,
os turcos barbaros profanos
puzeram-os na enxovia
aonde o curso de um dia
parecia dez mil annos.

Esse carcere agonisante,
prisão escabrosa e fria,
encostado á moradia
da filha do almirante,
cuja alma interessante
dava ao mundo uma esperança
conservava na lembrança
idéa pura e risonha
amava Guy de Borgonha,
um cavalleiro de França.

Amava ella um vassallo
do imperador Francez
que o vendo a primeira vez
não poude deixar de amal-o,
quando elle entrou a cavallo
em Roma, numa corrida,
deixou-a surprehendida,
o toque de uma paixão
deu a elle o coração
arriscando a propria vida.

Floripes não conhecia
como o amôr tem poder,
logo ali poude saber
quanto elle tem energia,
sendo ella da Turquia
seu pae era um rei pagão,
não tinha religião,
era um perigo profundo,
por todo ouro do mundo
não dava ella a um christão.

Oliveiros recolhido
naquelle horrivel tormento
o seu maior soffrimento
era o corpo estar ferido,
elle exclamava, sentido:
—Meu Deus, olhae para mim!
Não devo viver assim!
De lá da eternidade
mandae com mais brevidade
a morte trazer meu fim!

Antes tivesse eu morrido
pela mão de Ferrabraz,
o guerreiro mais capaz
dos que a Turquia tem tido,
outro igual não foi nascido,
si nasceu não foi criado,
guerreiro nobre e honrado,
espada que vale um porto,
si elle tivesse-me morto
eu estaria mais consolado.

Floripes então pode ouvir
Oliveiros exclamar,
desceu e foi indagar
quem estava a se concluir,
diz Brutamonte a sorrir:
—Aquelles são uns dos taes
do povo de satanaz
que tanto nos offendeu,
está até o que venceu
o vosso irmão Ferrabraz.

—Abre a porta da prisão,
disse ella ao carcereiro,
quero ver o cavalleiro
que faz esta exclamação.
Disse Brutamonte: Não,
isso eu não posso fazer,
sob pena de morrer
teu pae me os recommendou,
pessoalmente ordenou
não deixar ninguem os ver.

—Abre essa porta, vilão !
Floripes lhe replicou,
quando o turco se abaixou
para abrir o alçapão
ella metteu-lhe um bastão,
deixou-o morto na terra,
dizendo : Nesse se encerra
um de mau plano formado,
eu matei um desgraçado
que vinha me fazer guerra.

Tudo assustado ficou
daquella acção que ella fez,
e ella por sua vez
daquillo não se alterou,
com toda calma falou
a todos prisioneiros,
perguntou a Oliveiros
quem era que estava ali,
um delles lhe disse : Aqui
somos cinco cavalleiros.

Ella com fala bem mança
perguntou a Oliveiros :
—Quem são esses cavalleiros?
—São dos paizes de França,
que estamos sem esperança
de sabir desta prisão.
Ella perguntou então :
—De vós quem batalha deu
e nessa lucta venceu
a Ferrabraz, meu irmão ?

Foi eu—lhe disse Oliveiros
—numa batalha leal,
que tendo sangue real
fiz como os nobres guerreiros,
o hoste dos cavalleiros
quiz fazer de mim pagão,
eu sem vileza e traição
luctei, elle foi vencido
e hoje está convertido,
baptisou-se, é um christão.

Floripes então perguntou
como quem se interessava
si Guy de Borgonha estava,
disse Oliveiros : Ficou.
Ali ella confessou
a sua grande paixão,
disse : Meu pae é pagão,
si sabe ha de castigar-me,
vocês poderão levar-me
para a terra do christão ?

Disse Oliveiros : Senhora,
pelas graças recebidas
nós arriscamos as vidas,
vos servimos a toda hora ;
mande-nos soltar agora
e dê com que nos armar,
póde nos acompanhar,
descançae o coração,
que o almirante Balão
póde vel-a e não tomar.

Floripes então disse ali :
—Eu os ponho em liberdade,
venho soltal-os mais tarde,
espere por mim ahi,
eu me retiro daqui,
póde alguem me ouvir falando,
eu aqui me demorando
bem pódem desconfiar ;
de noite venho os tirar,
fiquem aqui esperando.

Ficou em ansia Oliveiros
mas á noite ella voltou,
com uma corda tirou
todos cinco cavalleiros,
todos os prisioneiros
foram por ella levados,
ceiaram e foram curados,
de bôas armas munidos,
todos cinco prevenidos
para si fossem atacados.

Floripes communicou
á sua velha criada,
a velha ficou zangada,
na mesma hora a jurou ;
Floripes a empurrou
de uma alta janella,
ficando livre daquella
donde o mal podia vir,
depois da velha cahir
embaixo enterraram ella.

O almirante Balão
ordenou que quinze reis
fossem todos de uma vez
ao imperador christão
e disse: Digam-lhe, então,
que eu mando lhe dizer
que elle mande trazer
meu filho que elle tem lá,
que eu lhe mando de cá
os que tenho em meu poder.

E si não quizer fazer
o que lhe mando pedir,
ao seu reino eu hei de ir
com meu exercito e poder
e elle então ha de ter
uma morte rigorosa,
uma sentença penosa,
elle tem de experimentar,
ou faz, a fim de escapar,
a fuga mais vergonhosa.

Então nesse mesmo dia
Carlos Magno chamou
sete pares e os mandou
com uma embaixada á Turquia;
na embaixada dizia:
«Vocês digam ao Balão
que trate de ser christão
e mande meus cavalleiros,
que não quero meus guerreiros
presos em poder de pagão».

Esses quinze reis guerreiros,
vassallos do almirante,
já em aguas mortas, distante,
encontraram os cavalleiros;
insultaram os mensageiros
do imperador christão
perguntando : Onde é que vão?
Que vão ver por esta estrada ?
Diz Roldão : Levo embaixada
ao almirante Balão.

Não podemos te acreditar
—disseram os embaixadores
—vocês são salteadores
e querem se disfarsar,
nós havemos de o levar
ao almirante Balão,
que numa escura prisão
os mandará encerrar...
—Então, póde se apromptar!
—Gritou-lhe logo Roldão.

Isto Roldão proferiu
e puxou pela espada,
deu-lhe uma cutillada
que até aos peitos partiu;
outro rei turco acudiu
e elle não retrocedeu,
todos os golpes que deu
foram bem aproveitados;
quatorze foram lascados,
só escapou um que correu.

Atraz desse que correu
foi Ricarte o perseguindo,
o turco se escapulindo
pelo matto se escondeu,
nas montanhas se metteu,
ganhou aquella solidão,
serviu-se da escuridão
da noite, que o protegia,
para contar o que havia
ao almirante Balão.

Quando Ricarte voltou
disse um dos cavalleiros :
— Não temos os aventureiros
que no campo se matou ;
receio que o que escapou
pela colina do monte
hoje mesmo vá e conte
ao almirante Balão
e seja esta a razão
de não passarmos a ponte.

Ahi respondeu Roldão :
— Ora, porque não se passa ? !
Vocês verão a desgraça
que eu faço na guarnição ;
o almirante Balão
bote os soldados que tem,
porque eu juro tambem
ficar a terra arrazada ;
elle dá-me a embaixada
ou sua cabeça vem !

Depois todos se montaram
armados heroicamente
levando como presente
as cabeças que tiraram,
em seus alfoges botaram,
não deram satisfação ;
seguiu na frente Roldão,
a pessoa encarregada
de entregar a embaixada
ao almirante Balão.

Ali havia uma ponte,
a de Mantible chamada,
o rio não dava entrada,
por fóra existia um monte
de uma altura sem desquite
como outra não havia
e na ponte era vigia
um descommunal gigante
de quem só o almirante
a ponte confiaria.

Existe um portão enorme
com tres arcos de ouro puro
e quem o faz mais seguro
é um gigante disforme,
de um aspecto disconforme,
de um gesto repugnante,
é musculoso e possante,
são brutas suas maneiras,
é quem defende as fronteiras
das terras do almirante.

Disse Roldão: Vou falar
ver si elle abre um pouquinho,
si entrar faço caminho
que tudo póde passar,
si elle quizer me cobrar
a quantia estipulada,
depois de eu ter a entrada
ahi eu digo: O' bruto!
Eu trago aqui o teu tributo
na bainha da espada.

Disse o duque de Nemé:
—Paciencia, meu amigo,
deixe a empreza commigo,
não desespere da fé,
eu sei isso como é
e devemos nos conter,
tambem precisa saber
que á pessoa alguma agrada
dar uma grande pancada
e outra igual receber.

Deixe que eu sigo na frente
e lá direi ao gigante
que vamos ao almirante
levar-lhe um rico presente
e uma embaixada urgente
ao almirante Balão;
elle vendo esta razão
talvez nos deixe passar
e assim podemos chegar
sem precisar de questão.

Bateu o duque e chamou
pelo nome do gigante
e esse no mesmo instante
na porta se apresentou,
abriu um postigo e olhou
viu tudo de espada e lança
o duque com fala mansa
disse : Queremos entrada,
pois levamos embaixada
do imperador de França.

Disse Galafre : Precisa
pagar tributo de entrada,
uma somma exagerada,
só passa quando indemnisa
e antes de entrar avisa
ao almirante Balão,
ver si elle consente ou não
que lhe leve a embaixada,
ou si posso dar entrada
a um embaixador christão.

Disse o duque : Tem razão,
porem nós somos decentes,
levamos ricos presentes
ao almirante Balão ;
deixe-nos passar, então,
com tudo que é nosso, em paz
e o comboio que vem atraz,
nós queremos ir na frente
procurar onde aposente
nós e nossos animaes.

Disse Galafre: Ha de dar
tres arcos de ouro mássiço
sem haver abate nisso,
aqui mesmo ha de entregar...
Disse o duque: Hei de pagar
inda sendo nove ou dez...
Disse o gigante: Tu és
um destemido vassallo,
mas por cada pé de cavallo
has de pagar cem mil réis.

Todo christão que aqui passa
e que não quizer morrer
é obrigado a trazer
cem pares de cães de caça
e todos de bôa raça,
que sejam bem amestrados;
trinta arcos bem lavrados
de pedras especiaes,
tudo isso quem vem traz,
do contrario é devorado.

E' a quantia exigida
de quem aqui quer passar
e é obrigado a pagar,
do contrario perde a vida,
a pessoa é concluida
emcima daquelle monte,
um gancho sobre uma fronte
eu mandarei enfiar,
depois mando o pendurar
nas almeias desta ponte.

Disse o duque: Sim senhor,
eu e os meus companheiros
somos sete cavalleiros
de muito alto valor
e o nosso imperador
nos mandou em commissão
ao almirante Balão
uma embaixada levar,
nos ordenou a pagar
o que fosse de razão.

Nosso comboio ha de vir,
chegando deixe-o passar,
depois virei lhe pagar
o que o senhor exigir,
queremos que o deixe ir
às tendas do almirante,
pois um presente importante
a elle vamos levar,
havemos de lhe pagar
o que fôr, assim por deante.

Galafre os deixou passar
e todos sete partiram,
pela estrada seguiram
sem nada os encommodar,
estava um a olhar,
porém, quieto, a sangue frio,
Roldão sem mais desafio
lançando mão da espada
partiu-o com uma cutellada
e botou-o morto, no rio.

Os cavalleiros chegaram já de meia-noite em deante, á hora que o almirante havia se agasalhado, tinha ha pouco se deitado não quiz se levantar mais, disse comsigo: E' capaz de Carlos Magno mandar seus cavalleiros buscar e me trazer Ferrabraz.

O almirante Balão que ha pouco se tinha deitado soube que havia chegado na côrte um povo christão, disse o almirante, então: —Não devo me vexar mais, são homens especiaes que veem como mensageiros ver si eu dou os cavalleiros por meu filho Ferrabraz.

Ordenou que agasalhasse muito bem os cavalleiros e que aos taes mensageiros coisa alguma não faltasse, depois que tudo ceiasse dêsse-lhes cama decente, pois encarecidamente ordenava que os tratassem e que todos ali achassem a noite muito excellente.

O mestre sala os botou cada um num aposento e todo aquelle armamento o mestre sala guardou, nem um delles se lembrou que o rei podia chegar e ao almirante contar todos os factos passados, mas estavam enfadados, só pensaram em se deitar.

Então foram agasalhados todos sete mensageiros, porém todos cavalleiros um dos outros separados, todos sete desarmados, nenhum com arma ficou; de madrugada chegou o rei que tinha escapado, contando, muito cançado, tudo quanto se passou.

E disse: Esses desgraçados que aos quatorze reis mataram são uns que ha pouco chegaram e estão aqui agasalhados; vinham hontem aglomerados, nos aggrederam em caminho, momento ingrato e mesquinho, tudo nos fechou os portos, ficaram quatorze mortos, só eu escapei, sósinho.

Nessa hora o almirante
quasi morre de paixão,
lançou grande maldição
a Mafoma e Torvagante,
acudiu no mesmo instante
o mestre sala e falou,
brândamente o animou
e lhe disse: Sua alteza,
eu tenho toda a certeza,
Mafoma não os deixou.

Apolim e Torvagante,
dois deuses teus protectores,
os quaes recebem favores
de vós a qualquer instante,
Mafoma é um Deus constante,
protege aos reis anciãos
e os trata por seus irmãos,
deixou teu povo morrer,
porém mandou te dizer:
«Tens os inimigos nas mãos».

Ide descansar lá dentro,
affrontarei os perigos,
prenderei teus inimigos
ainda que fosse um cento;
elles já dormem, eu entro,
amarrarei um por um,
isto é factum commum
e ninguem deve estranhar,
eu sósinho posso entrar,
não deixo solto nem um.

Disse aquillo e foi sahindo,
foi logo aos mensageiros,
amarrou os cavalleiros
que estavam todos dormindo,
o mestre sala sorrindo
foi dizer ao almirante :
— Senhor, neste mesmo instante
prendi todos cavalleiros,
deixei-os prisioneiros,
fiz um serviço importante.

Faram os pares amarrados
quando no salão dormiam,
innocentes, não sabiam
que ali seriam algemados ;
de manhã foram levados
ao almirante Balão
que perguntou a Roldão
e aos outros mensageiros
si elles eram cavalleiros
do imperador christão.

Ahi Roldão respondeu
si ainda não conhecia
o carrasco da Turquia.
— Olhe bem que sou eu !
Braço que nunca torceu . . .
Milhões de turcos armados,
grande guerreiros falados,
vassallos teus, escolhidos,
por mim já foram abatidos,
estão no livro dos finados.

E venho em commissão
de meu tio imperador
que manda dizer ao senhor
que se fizesse christão,
do contrario em sua mão
teria de se acabar,
elle havia de o botar
deixando o exemplo á mostra,
o senhr dê-me a resposta
que é necessario levar.

Eis ahi, caro senhor
—disse Amin para Roldão
—o almirante Balão
ficou ardendo em furor,
com aspecto aterrador
chamou seus subordinados,
mandou que fossem queimados
todos sete mensageiros
com mais cinco cavalleiros
que já estavam encarcerados.

Quando a noticia chegou
aos ouvidos da princeza
ella com essa surpresa
meia hora não falou,
por Oliveiros chamou
e lhe disse: Se disponha,
minha afflicção é medonha,
só vós podeis me valer,
antes me deixes morrer
e salve Guy de Borgonha.

Papae ha de querer me dal-os
—disse ella—vou pedir
e si nada conseguir
vocês vão daqui tomal-os,
tem boas armas e cavallos,
vocês fiquem prevenidos,
olhem que estamos mettidos
aonde qualquer não vae
e o povo de meu pae
são turcos muito atrevidos.

Sahiu e foi ao Balão
chorando, porém fingida,
muito queixosa e sentida
pelo seu querido irmão,
entrou pela multidão
falando com arrogança
sem apresentar mudança,
perguntou quem eram aquelles,
logo soube serem elles,
os cavalleiros de França.

No mesmo instante Oliveiros
deu pressa a tudo se armar
e no campo não deixar
matarem os cavalleiros,
Floripes em desespero
sobre uma cadeira cae,
num terno pranto se esvae
e disse ao grande Oliveiros :
—Resgatem seus companheiros
inda que matem meu pae!

Respondeu o almirante :
—Estes malditos que vês
mataram quatorze reis
hontem á tarde, num instante,
uma morte agonisante
tambem hoje hei de lhes dar,
hei de mandal-os matar
no campo, bem cruelmente,
a morte da minha gente
agora se ha de vingar.

Disse a princeza : E' verdade,
deve os levar amarrados,
matal-os todos queimados
com a maior crueldade,
porém já é muito tarde,
meu pae precisa comer,
primeiro mande dizer
a todos nossos parentes,
porque ficarão contentes
vendo-os no campo morrer.

Me entregue os prisioneiros,
eu levo esses condemnados,
destes amaldiçoados
serei um dos carcereiros,
estes sete carniceiros
hei de ajudar a matal-os
e com minhas mãos queimal-os
para vingar meu irmão...
o almirante Balão
lhe disse: Pódes leval-os.

Disse-lhe ahi Sortibão :
— Senhor, advirta bem,
porque na mulher contem
um armazem de traição,
senhor, tenha precaução,
ande seguro e direito,
muitas mulheres têm feito
os homens se arrepender
e só chegam a conhecer
quando não podem dar geito.

Floripes enfureceu
e disse a Sortibão :
— Por teu falso coração
queres calcular o meu ?
Falso póde ser o teu
onde não ha sentimento,
pódes marcar o momento,
um dia me hei de vingar
e tu me has de pagar
esse teu atrevimento !

E ordenou aos soldados
levarem os prisioneiros,
dizendo aos cavalleiros :
— Levantem-se, desgraçados !
E lá seguiram algemados
na frente, ella indo atraz
e disse aos officiaes :
— Faz favor tudo voltar !
Mandou os presos trancar
na camara de Ferrabraz.

Como ficou Oliveiros
quando chegou no salão
vendo algemado Roldão
e os demais cavalleiros,
disse aos outros companheiros:
— Não façam por ter demora,
olhem que estamos na hora,
soltemos nossos irmãos !
Quebraram os ferros á mãos
e deitaram os pedaços fóra.

Foi entrando Lucrafé,
primo e noivo da princeza,
tal foi a sua surpresa
vendo o duque de Nemé
que se firmando num pé
aproveitou bem a hora,
o turco quiz ir embora,
deu-lhe o duque tal pancada
com o côpo da espada,
tirou-lhe a cabeça fóra.

Floripes, admirada,
disse: Por teu evangelho
eu nunca julguei que um velho
désse tão grande pancada.
O duque disse: Isso é nada,
muito mais já tenho feito,
eu pegando um turco a geito,
não me faltando a espada,
lasco-o de uma cutellada
da cabeça até o peito.

Disse Floripes: Vou ver pela côrte o que haverá, conforme o que houver lá eu volto e venho dizer, então vocês devem ter muito grande precaução; direi a meu pae, então: —Almoce, estou indisposta devido aquella resposta que soffri de Sortibão.

—Deixo de mencionar casos pouco interessantes, tornam-se muito massantes, não convem os relatar, o espaço não ha de dar dizer tudo que passou-se; contarei como tomou-se a ponte de meio a meio, como Carlos Magno veio e como Floripes casou-se.

Na hora da refeição tudo ali se descuidou, Oliveiros enfrentou o almirante Balão, este quando viu Roldão viu que a vida estava cara e a salvação era rara, saltou duma das varandas e chegaria em duas bandas si um turco não o apara.

Veiu um rei dos mais valentes
a Roldão com uma espada,
este de uma cutellada
o partiu até os dentes,
vieram mais dois parentes,
partiram na mesma hora,
Roldão ali sem demora
lhe disse: Turco, conheça!
—Deu-lhe um golpe na cabeça,
tirou-lhe o pescoço fóra.

Investiam os cavalleiros
as forças do almirante,
Roldão e Ricarte adeante,
na retaguarda Oliveiros,
Geraldo e os companheiros
mataram sem piedade,
os turcos, em quantidade,
partiam aos pares de França,
já não restava esperança,
todo esforço era debalde.

Voltaram os cavalleiros,
da torre conta tomaram,
os turcos ali os cercaram
julgando-os prisioneiros;
Roldão, Ricarte, Oliveiros,
Guy de Borgonha e Geraldo,
cada qual bem preparado
dizia aos seus companheiros:
—Para doze cavalleiros
não vemos exercito armado.

Um dia faltou comida
às damas e aos cavalleiros,
Roldão disse a Oliveiros :
—Perdi o amor á vida;
tem uma dama cabida
e outra já desmaiada,
lançarei mão da espada
e sahirei neste instante,
a tenda do almirante
hoje é por mim atacada.

E sahiram os cavalleiros,
ficou na torre um sómente,
então seguindo na frente
Tiestre e Oliveiros
viram ups turcos que ligeiros
já corriam muito adeante,
era um comboio de distante
que vinha com mantimento,
vinha trazer alimento
ao povo do almirante.

Os pares então avançaram,
servindo-se das espadas,
doze arzemolas carregadas
dos inimigos tomaram,
mais de mil turcos mataram
numa batalha medonha
como não ha quem supponha
que houve tal mortandade ;
por uma casualidade
prenderam Guy de Borgonha.

O almirante Balão
mandou que o algemassem,
de manhã o enforcassem
perante a população;
traspassava um coração
ver Floripes tão formosa
aos pés dos pares, chorosa,
disse: O' Roldão valoroso,
vae resgatar meu esposo
de uma morte tão penosa!

Foram oito cavalleiros,
Roldão foi na dianteira,
Posim numa costandeira,
na retaguarda Oliveiros;
por dezoito mil guerreiros
o preso vinha escoltado,
porém Roldão e Ricardo
entre os maiores perigos
tomaram-no dos inimigos
antes de ser enforcado.

Os pares nessa agonia,
já quasi sem esperança
e Carlos Magno na França
de nada disso sabia;
disse Oliveiros que ia
a Carlos Magno avisar
para o auxiliar
naquelle grande perigo,
disse o duque: Meu amigo,
eu irei em seu lugar.

Ricarte, por derradeiro,
diz aos outros: Eu vou'sósinho,
si morrer deixo um filhinho,
que ha de ser bom cavalleiro ;
si morrer, morre um guerreiro,
não tem o que admirar,
não morrendo, hei de chegar,
o almirante se aprompte !
disse Roldão : Mas a ponte,
como tu has de passar ?

Disse Ricarte : Parece
que no horror mais profundo,
ao homem no meio do mundo
Deus em pessoa apparece,
sóbe a morte, a vida desce
e ali não ha quem vá ;
fiquem descansados cá,
embora o perigo encontre,
porém passo pela ponte
ou fica o cadaver lá.

De madrugada sahiu
em bom cavallo montado,
com lança e espada armado,
dos outros se despediu ;
um exercito turco o viu
e tomou-lhe logo a frente,
mas o guerreiro valente
ali não teve receio
e do exercito que veio
quasi que não fica gente.

Antes á ponte chegar
desceu Ricarte a um baixio
e viu nas aguas do rio
um veadinho passar,
elle ahi pôz-se a pensar
que o veado fosse alguém,
disse comsigo: Não tem,
sem ser Deus, que tanto faça
e como o veado passa
eu vou e passo tambem.

E logo se preparou,
a Deus entregando a alma
e entrando com toda calma
o rio atravessou...
Galafre de fóra olhou,
disse, muito admirado:
—Creio que aquelle damnado
não é francez nem é mouro,
ou tem o diabo no couro,
ou é um ente encantado.

Ricarte então avançou;
quando muito tinha andado
vendo o cavallo suado
numa sombra se apeiou;
o rei Clarião chegou
e lhe disse: Cavalleiro,
você está prisioneiro!
Foi logo o ameaçando,
Ricarte disse, se armando:
—Havemos de ver, primeiro!

E mettendo-lhe a espada
pôr sobre o hombro direito
lascou-o até o peito
com uma só cutellada,
a força vinha atrazada,
Ricarte poudé se armar
e tratou de se montar
no cavallo que o rei vinha,
que todos signaes bons tinha
e corria sem cançar.

Vinte e tres leguas tirou
nessa jornada que ia,
quando foi no outro dia
a Carlos Magno chegou,
esse, de alegre chorou,
pois já estava em desesperos
pensando nos cavalleiros
que de uma só vez perdeu,
quando Ricarte lhe deu
noticias dos companheiros.

Carlos Magno reuniu
os grandes da sua côrte
e naquella mesma noite
o plano se decidiu;
e logo se preveniu
que seguisse o batalhão,
era grande a precisão
de pela manhã partir,
precisava destruir
o almirante Balão.

Disse Ricarte : Convem de madrugada partir, para amanhã ir dormir perto de um ponto que tem onde não chega ninguem que não seja devorado e por ali é trancado : no reino do almirante, o vigia é um gigante que parece endiabrado.

Carlos Magno disse : Então não achaste outro lugar onde possa se passar ? Ricarte respondeu : Não, o rio é como um vulcão, recto como um horizonte, está do lado opposto ao monte que fórma uma serrania, só se póde ir á Turquia se for por aquella ponte.

Carlos Magno perguntou : O que havemos de fazer para poder obter ? Ricarte então explicou, disse a Carlos Magno : Eu vou com três ou quatro na frente iremos fingidamente, si o gigante abrir a porta nós mettemos-lhe a derrota e passará toda gente.

Ricarte foi e bateu
chamando pelo gigante
e esse no mesmo instante
armado lhe appareceu,
olhou-o e não conheceu
perguntou-lhe o que queria,
disse Ricarte que hia
ao almirante Balão
fazer-lhe uma transação
com as joias que trazia.

Póde entrar, mostre o que tem,
disse a Ricarte o gigante,
o Duque Rigner e Nante
de lado entraram tambem,
disse Galafre : Convem
sua capa ser tirada,
ha de ser examinada
a sua mercadoria,
Ricarte ali sem porfia
metteu logo a mão a espada.

O gigante ali ergueu
a archa que estava armada
deitando um golpe em Ricarte
mas esse o corpo torceu,
tanto que a archa bateu
numa pedra e nella entrou ;
Carlos Magno chegou,
antes o portão abriu,
o exercito o investiu,
a ponte então se tomou.

Depois da ponte evadida
morto Galafre, o gigante,
deram parte ao almirante
da desgraça succedida,
praguejando a propria vida
mandou a força atacar
e a torre derrubar,
matar os cavalleiros
antes que seus companheiros
fossem aos pares se juntar.

Os turcos iam subindo,
mas as damas preparadas
atiravam-lhe pedradas
iam dez, doze, cahindo,
por mais que viesse vindo
chegava ali e morria,
assim ninguem resistia,
resolveram se afastar,
para não ver se acabar
o exercito da Turquia.

A ordem assim foi cumprida,
a torre foi atacada,
não foi um turco á escada
que lá não deixasse a vida,
parte da torre cahida
um oitão já como um faxo,
mas pedras, tijollos e taxo,
tudo que as damas achavam
sobre os turcos atiravam,
matando estes lá em baixo.

Ahi disse ao almirante
um soldado que chegava
que Carlos Magno já estava
menos de legua distante;
disse a praça : Nesse instante
deixei a Villa vencida
cruelmente destruida,
pois os francezes onde vão
só com a sombra da mão
arrancam a alma e a vida.

N'isso sahiu Sortibão
com dez mil homens armados
ao chegar foram atacados,
todo esforço foi em vão;
o almirante Balão
mandou o rei Argolante
e depois mandou Burlante
mas nada se aproveitou.
Carlos Magno atacou
foi-se tudo num instante.

O almirante Balão
com o instincto de monstro
montou-se e foi ao encontro
do imperador christão,
rugindo como um leão
disse : O' velho imperador,
hoje estaes quasi senhor
da minha força e poder,
vem commigo te bater
ver quem será vencedor !

O sangue ao campo tomava
provocando piedade,
força em grande quantidade
de toda parte chegava,
o almirante gritava
aos turcos que resistissem,
com toda força investissem
e mostrassem ser guerreiros
para que os cavalleiros
com os outros não se unissem.

Os cavalleiros cercados
viram outra força que vinha,
Carlos Magno já tinha
perdido muitos soldados,
sahiram dez bem armados
entre os turcos se metteram,
partes dos turcos correram
com a presença dos pares,
todos aquelles lugares
de corpos mortos se encheram.

O almirante Balão
desesperado investiu,
como uma féra partiu
a um cavalleiro christão,
com toda disposição
peito a peito o enfrentou,
o christão se desviou
e se livrou da espada,
mas aquella cutellada
o cavallo lhe matou.

Sem attender mais alguém
o cavalleiro em flagrante
investiu o almirante
matou o delle tambem,
com orgulhoso desdem
o rei turco o conheceu,
ura christão enfureceu
e disse : E' o almirante!
Naquelle mesmo instante
o cavalleiro o prendeu.

O almirante Balão
vendo-se ali indefeso
foi obrigado a ir preso
ao imperador christão,
esse com bom coração
como amigo recebeu,
pedindo lhe esclareceu
que aos idolos não adorasse,
disse-lhe que se baptizasse
que entregava o que era seu.

Ali chegou Ferrabraz
aos seus pés se ajoelhou,
banhado em pranto o rogou
não adorar idolo mais
dizendo : E' o satanaz
que vive lhe perseguindo,
meu pae que está se illudindo ;
quando o Eterno chamar
o senhor ha de chorar
e o demonio entra sorrindo.

Si meu pae fosse christão
como Carlos Magno é,
si luctasse pela fé
e tivesse religião
não indo contra a razão
como um rei christão não vae,
pois da lei de Deus não sae,
si em Deus tivesse esperança
nem dez mil pares de França
não venceriam meu pae.

Oh ! meu pae ! O senhor tendo
um grande exercito valente
e doze homens sómente
resistil-o combatendo,
Galafre um gigante horrendo
que em guerra tinha arte,
todo mundo viu Ricarte
que ninguem pôde pegal-o
atravessar a cavallo
o rio de parte a parte.

Por rogos de Ferrabraz
o almirante Balão
prometteu de ser christão,
porém depois não quiz mais,
era crença de seus paes,
não quiz deixal-a por nada,
um murro de mão fechada
no arcebispo elle deu,
nas pontas dos pés se ergueu
e cuspiu na pia sagrada.

O filho inda quiz salval-o,
mas o pae era um horror,
tanto que o imperador
mandou no campo matal-o,
depois mandou sepultal-o
com honras de soberano,
elle era o impio profano,
mas Deus que o castigasse,
porém devia enterrar-se
porque tambem era humano.

Agora vamos tratar
Floripes como ficou
quando da torre avistou
Carlos Magno marchar,
quando foi a visitar
e dar-lhe agradecimento,
com grande contentamento
Floripes o abraçou;
Carlos Magno ali marcou
o dia do casamento.

Carlos Magno mandou
que o arcebispo apromptasse
tudo quanto precisasse,
o arcebispo apromptou,
Floripes se baptisou
como tinha projectado,
ficou tudo descansado
de uma lucta agonisante
no reino do almirante
com todo povo a seu lado.

Ficou a Turquia em paz,
a guerra se concluiu,
Carlos Magno dividiu
o reino em partes iguaes,
deu metade a Ferrabraz
com toda legalidade,
elle de bôa vontade
com isso se conformou ;
Guy de Borgonha ficou
com a mesma quantidade.

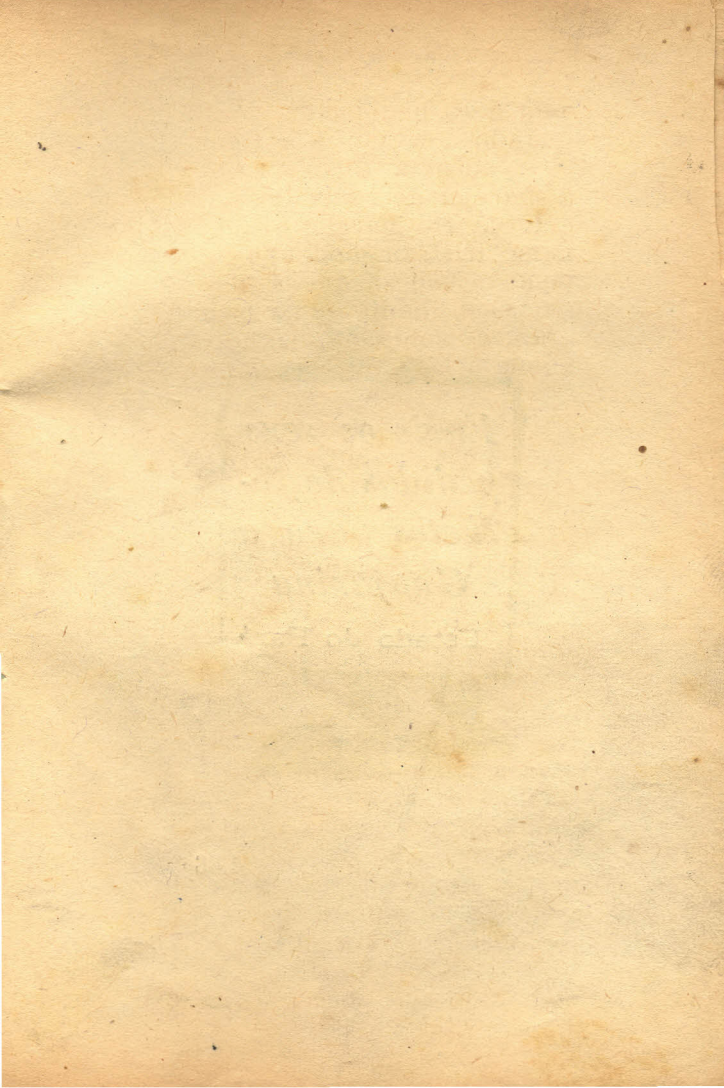
Disse Guy a Ferrabraz :
—Qualquer de vocês é dono,
fiquem regendo esse throno,
não façam coisa de mais,
façam governos-legaes,
eu hoje tenho que partir.
Cuidou em se despedir,
levantou o estandarte,
viu-se ali em toda parte
gente gemer e cahir.

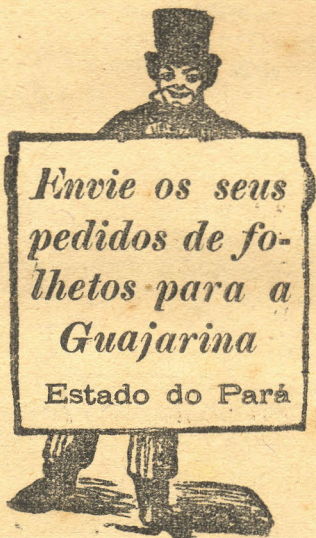
Então Floripes soluçando
a Carlos Magno abraçou,
uma dama desmaiou
e cahiu-lhe aos pés chorando,
Carlos Magno os consolando
porém de nada servia,
porque todos na Turquia
botaram nos corações,
de Carlos Magno as acções
a todo mundo prendia.

Que hora penalizada
quando a bandeira se içou
e a corneta tocou
a marcha de retirada,
a força em marcha avançada
numa tristeza medonha
como a esposa que sonha
que está doente ou morrendo,
eram os soldados dizendo
adeus a Guy de Borgonha.

Foi penosa a despedida
do imperador christão,
Guy de Borgonha e Roldão
soluçavam na partida,
Floripes triste e sentida
abraçou os cavalleiros,
principalmente os primeiros
que na torre foram chegados,
soluçavam abraçados
Ferrabraz e Oliveiros.

Guy de Borgonha ficou
sem a minima expressão
quando a seu primo Roldão
banhado em pranto abraçou,
quiz falar mas não falou
com o duque de Nemé,
Geraldo de Mondéfé
e Tietre de Dardanha
teve tristeza tamanha
que ficou suspenso em pé.





*Envie os seus
pedidos de fo-
lhetos para a
Guajarina*

Estado do Pará

São Nossos Agentes

- Em MANAUS — Marques & Gaspar — Livraria do Mercado e Livraria do Povo, Rua Marquez de Santa Cruz, 45.
- Em RIO BRANCO (Acre)—Manoel Rodrigues — Casa Madrid.
- Em SANTAREM — João Alves Filho — Sobrado Velho da Aldeia.
- Em BELLA TERRA (Santarém) — Antonio Marciano.
- Em MARABA'—José Bandeira de Souza
- Em SAO LUIZ (Maranhão)—Valentim Maia, Rua Affonso Penna, 95-A
- EM CAXIAS (Maranhão)—Trindade Vidigal & Filho—Rua Aarão Reis n. 8
- Em TREZIDELLA (Caxias)—Elias Coelho de Rezende.
- Em THEREZINA—Pedro Soares de Carvalho, Rua Ruy Barbosa, Planalto Vermelho
- Em NATAL (R.G.do Norte)—Ramos & Irmão — *A Parahybana* — Rua Dr. Barata, 197
- Em XAPURY (Acre) — Raymundo Castello da Silva.
- Em FORTALEZA (Ceará) — Raymundo M. Barroso.
- Em PARNAHYBA (Piauhy) — Antonio Marques de Oliveira—Av. Capitão Claro, n.18
- Em AMARANTE (Maranhão) — Elias Lopes da Silva.
- Em ICATU' (Maranhão) — Orlando Lima.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).